

## **Rankings internacionais das instituições universitárias**

**Valter Nilton Felix**

### **1. Academic Ranking of World Universities**

O *Academic Ranking of World Universities*, compilado pela *Shanghai Jiao Tong University* é agora mantido pela *Shanghai Rankings Consultancy* constitui projeto chinês de larga escala para produzir classificação das universidades de todo o mundo, desde 2003, e seus resultados são publicados em *The Economist*.

Seus critérios de análise para chegar ao cálculo final de pontuação incluem: a luminaires egressos da instituição, vencedores de Prêmio Nobel e de outras honrarias, são atribuídos 10% dos pontos totais, a possuir no *staff* professores vencedores de prêmios notáveis outros 20%, e mais 20% para pesquisadores de elevado fator de impacto. São outros 20% da pontuação destinados a publicações nos periódicos *Science* e *Nature* (ou especialmente substituídos na dependência das características próprias da instituição) e mais 20% ao volume de publicações em periódicos de grande respeitabilidade internacional. Somente os 10% finais dizem respeito às condições da instituição em si, materiais e humanas, na disponibilização de material didático e na proporção alunos por professor, tempo de dedicação dos professores e demais elementos correlatos.

Tido como consistente e transparente, tem influenciado a política educacional de universidades européias (<http://www.insidehighered.com/views/2010/11/11/altbach>). Mesmo assim não deixa de receber críticas, por alguns aspectos metodológicos, por exemplo, o de valorizar extremamente o volume de artigos publicados pelo *staff* universitário ou seus egressos nos periódicos *Science* e *Nature*, ambos dedicados a ciências naturais e tendo o inglês como idioma exclusivo. Além disso, muitos pontos são dedicados a membros da universidade agraciados com o *Prêmio Nobel*, predominantemente oferecido a físicos ou aos *Fields Medalists*, no geral matemáticos. Uma revisão por pares, publicada em 2007 no *Scientometrics* chegou a afirmar que os RIS daquela prestigiosa entidade não seriam reproduzíveis, contestando, portanto, frontalmente, seu caráter científico (Răzvan V. Florian (June 2007). Irreproducibility of the results of the Shanghai academic ranking of world universities. *Scientometrics* 72 (1): 25–32).

### **2. Fator G**

Este outro critério de classificação, considerando exclusivamente o portal de pesquisa *Google*, conta o número de acessos que partem das outras universidades, para medir a popularidade e a importância da que constitui o alvo da avaliação. Seria como medir a capacidade da universidade em se constituir no centro da *web*, em determinado campo de atividade. As críticas são óbvias.

### **3. HEEACT - Higher Education Evaluation and Accreditation Council of Taiwan**

Utiliza o método bibliométrico, considerando oito indicadores, o volume de artigos publicados nos últimos 11 anos, suas citações, os atuais e suas citações, a média de citações, expressivo índice de citações de publicação isolada ou das publicações como um todo e as feitas em periódicos de grande impacto. Estes indicadores representam, na verdade, três critérios, produtividade científica, seu impacto e sua excelência.

Ao final, elege as 500 melhores universidades do mundo, além de oferecer resultados próprios para áreas específicas, como as 300 melhores em ciência e tecnologia, ou até de cada campo em especial, de implicação evidente em termos econômicos para os próprios países que as albergam.

É claramente desenhado para medir a capacidade científica das universidades, recente ou sustentado ao longo dos últimos anos, atendendo a demanda de informação do mundo globalizado. Isto fica claro ao observar que Interessam seis campos, Agricultura & Ciência do Desenvolvimento, Medicina, Engenharia, Computação & Tecnologia, Ciências da Vida, Ciências Naturais & Ciências Sociais e dez tópicos específicos, Física, Química, Matemática, Geociências, Engenharia Elétrica, Ciência da Computação, Engenharia Mecânica, Engenharia Química, que inclui energia e combustíveis, Ciência dos Materiais e Engenharia Civil, incluindo Engenharia do Desenvolvimento.

### **4. High Impact Universities Research Performance Index**

Esta iniciativa australiana, de 2010, almeja classificar 1000 universidades e suas 5000 faculdades, cinco de cada, distribuídas pelo planeta e já dispõe 500 resultados na *web* ([www.highimpactuniversities.com](http://www.highimpactuniversities.com)). Alega simplicidade e transparência, utilizando para classificá-las apenas desempenho científico das instituições nos últimos dez anos, medido por publicações e citações, indicadores bibliométricos *Scopus Standard*. Primeiro são avaliadas qualidade e consistência dos artigos de cada faculdade e a média dos cinco obtidos, após normalização, indica o da universidade a que pertencem.

### **5. Human Resources & Labor Review**

Esta análise é publicada anualmente na *ChaseCareer Net*, partindo do trabalho de colégio neutro de *experts* de várias nacionalidades, e busca classificar as 300 universidades de ponta em relação à produção científica de seus graduados.

### **6. SCImago Institution Rankings (SIR)**

Também recente, desde 2009, a *SIR* tem sido publicada como *SIR World Report*, trabalho da organização espanhola de pesquisa, composta de membros do Conselho de Pesquisa Nacional Espanhol, da Universidade de Granada, da Universidade Charles III de Madri, da Universidade de Alcalá e da Universidade de Extremadura, entre outras instituições educacionais do país.

Considera, como indicadores, produção científica, colaboração internacional, índice de publicações e seu fator de impacto.

## **7. *Times Higher Education (THE) World University Rankings e QS World University Rankings***

*THE* é periódico inglês que publicou de 2004 a 2009, anualmente, os *THE-QS World University Rankings*, juntamente com a *Quacquarelli Symonds (QS)*. *THE* destaca as 200 universidades mais importantes do mundo, enquanto *QS* relata as primeiras 500, *online*, na forma de livro e também conta com parceiros de mídia, o *US News & World Report*, que anuncia, nos Estados Unidos, “as melhores universidades do mundo”.

Nessa classificação as universidades americanas não têm tanto destaque como em outras, enquanto as inglesas surgem em maior número no topo da tabela...e os críticos dos *rankings* se refestelam com tais casuísmos.

Tem como diferencial a participação de mais de 15000 acadêmicos de várias áreas e de 5000 recrutadores dos estudantes ao longo de todo o mundo no fornecimento de dados computáveis. Outros critérios utilizados são *staff* internacional das instituições, número de alunos, citações listadas pelo *Scopus* e relação número de professores por número de estudantes. A conexão direta entre a opinião dos acadêmicos e a classificação da universidade é extremamente valorizada pela *QS* e tem sido bem vista pelas próprias instituições.

Em 2009, *THE* e *QS* se separaram e o primeiro fez acordo com a *Thomson Reuters*, para publicar o que seria chamado de *Times Higher Education World University Rankings*, estabelecendo de pronto que a opinião dos acadêmicos seria considerada. A *QS*, por sua vez, dispôs os dados coletados nos últimos seis anos, sobre os quais detinha propriedade intelectual, *online*, denominando-os, em 2010, *QS World University Rankings*. Esse novo projeto, individual, inclui publicações em livro e de novos parceiros de mídia, além do *US News & World Report*, o *Chosun Ilbo*, *The Sunday Times* e o *Nouvel Observateur*. A *QS* segue utilizando dados do *Scopus*, parte do *Grupo Elsevier*, obtendo seus dados e recrutando analistas por conta própria, além de oferecer coletâneas de informações para a confecção de *rankings* regionais, como o de universidades asiáticas, publicados a partir de 2009.

No mesmo ano da rotura, *THE* publica artigo em que Paul Jambor da Universidade da Coréia do Sul (Jambor, Paul Z, Slide and prejudice, *Times Higher Education*, December 10, 2009) destacava que imagem comprometida de uma universidade tinha a tendência de fazer com que todas as outras do mesmo país desabassem nos *rankings*, ou, pelo menos, deixassem de ascender, daí apelando para que fossem seguidos critérios internacionais únicos nas várias avaliações, atizando a guerra entre os que se propõem a classificar e evidenciando de novo a permeabilidade a críticas dos vários critérios utilizados.

## **8. *Professional Rankings of World Universities***

Diferente dos acadêmicos, esse índice, criado pela Escola Nacional das Minas de Paris, busca medir a eficiência de cada universidade em formar líderes, verificando a instituição a quem pertenceram os executivos-chefes atuando pelo mundo. Ainda não se pode dizer que esse é o melhor caminho para a avaliação proposta.

## 9. *Webometrics*

O *Webometrics Ranking of World Universities* é produzido pelo *Cybermetrics Lab (CCHS)*, uma unidade do Conselho de Pesquisa Nacional Espanhol, a principal instituição pública de pesquisa da Espanha, oferecendo informações sobre 12000 universidades, a partir de sua presença na *web*, ou seja, conteúdo de material educacional e impacto do domínio da universidade, partindo de banco de dados sobre 20000 entidades de ensino superior. Alega-se que também a avaliação das não classificadas pode ser útil para que possa ser implementada a política institucional.

Adota, portanto, como critérios classificatórios, o volume de disponibilizações na *web*, sua visibilidade e seu impacto, portanto utiliza medição bibliométrica. Pode ocorrer, portanto, de universidade de grande valor acadêmico ser rebaixada caso sua política interna restrinja publicações na *web*, ou seja, de pronto se tem o viés de hipervalorizar instituições norte-americanas e canadenses e rebaixar as europeias e orientais, pela própria restrição ao idioma de origem.

## 10. *Ranking* Universitário Global

Nele, a *RatER*, agência russa autônoma, não comercial, sustentada pela sociedade acadêmica nacional, classifica 400 universidades de todo o mundo, selecionadas a partir dos dados coletados pelos tidos como os quatro mais respeitados *rankings* internacionais, o *Academic Ranking of World Universities*, o *HEEACT*, o *Times-QS* e o *Webometrics*. Utiliza, então, um grupo de *experts*, que avaliarão, em análises individuais, utilizando a mesma escala de valoração, desempenho acadêmico, capacidade de pesquisa, *expertise* dos professores, publicações, importância social dos egressos, atividades internacionais da universidade e sua respeitabilidade perante as demais instituições.

A média das avaliações individuais constitui o resultado final, recentemente questionado, ao situar a *Moscow State University* em quinto lugar, à frente de Harvard e Cambridge (<http://www.timeshighereducation.co.uk/story.asp?sectioncode=26&storycode=410253&c=1>)

## 11. *Rankings* regionais

China, Coréia do Sul, Índia, Paquistão, Filipinas, Japão e México valorizam ao extremo *rankings* regionais, englobando exclusivamente universidades do próprio país, com Conselhos específicos adotando critérios próprios.

A Comissão Européia compilou, depois de intenso trabalho, dados que apontaram as 22 universidades europeias de maior impacto científico, inseridos no *Third European Report on Science & Technology Indicators* (CORDIS: Science and Technology Indicators: Publications: Third European Report on Science and Technology Indicators 2003. Cordis.europa.eu. 2007-01-16), de 2003, atualizado em 2004.

As Universidades de Londres, Cambridge e Oxford encabeçaram a lista. Espera-se atualização em 2011. França, Alemanha, Itália, Rússia, Ucrânia e Reino Unido divulgam bastante seus *rankings*, abrangendo universidades autóctones.

No Canadá, o periódico *Maclean's* publica anualmente *ranking* das universidades canadenses, tendo como critérios de análise a opinião do corpo discente, quadro de professores, recursos econômicos da instituição, biblioteca e reputação e o método, naturalmente, recebe críticas, a ponto de respeitadas universidades se recusarem a participar do preenchimento de formulários (Schmidt, S. (September 02, 2006). Universities continue to shun Maclean's ranks. *National Post*. CanWest News Service. Retrieved on: 2009-05-09); a revista alegou falta de liberdade de informação e ganhou autorização para consulta e utilização dos dados dispostos na web pelas próprias escolas. As poucas instituições particulares existentes no país não são mesmo incluídas no estudo, por iniciativa da promotora.

Nos Estados Unidos da América do Norte, desde 1983, a revista *US News & World Report*, realizando coleta de dados de cada instituição educacional, através de formulários encaminhados para preenchimento, e opiniões de professores e gestores não pertencentes a ela, publica *ranking* das universidades norte-americanas. A metodologia empregada já sofreu inúmeras alterações e os dados não são divulgados integralmente, impossibilitando revisões críticas, mas Harvard, Yale e Princeton sempre se garantem nos primeiros lugares.

Crítérios como reputação da escola, teste objetivo e padronizado para admissão dos alunos, taxa de reprovação, tamanho das classes, nível, salário e tempo de dedicação dos professores, número de alunos por professor, relação da capacidade econômica da instituição e gasto previsto por aluno têm pesos diferentes, variando ano a ano, sem justificativa bem estabelecida, talvez até para aumentar o apelo popular da revista.

Ainda vale citar os *Faculty Scholarly Productivity rankings*, que se baseiam na produção científica dos professores, nas citações de tais artigos e nos prêmios concedidos para classificar 354 instituições norte-americanas. Também conta a publicação anual The Center for Measuring University Performance, desde 2000. Dados bibliométricos são considerados a par de recursos econômicos da instituição e da qualidade da formação de base. Os dados são todos disponibilizados, reduzindo a possibilidade de manipulação.

Mais ainda, os *Washington Monthly College rankings* utilizam critérios como igualdade social de acesso, produção científica e humanística e formação ética dos alunos, enquanto os *Forbes College rankings* priorizam projeção do corpo docente, avaliações dos professores pelos acadêmicos, taxa de aprovação, proporção alunos-professores, salários dos professores, prêmios concedidos a alunos e professores entre outros critérios. Acabou por incluir várias instituições antes desprestigiadas e universidades militares no *ranking*, mas recebeu muitas críticas por ter empresas privadas como mantenedoras e por comparar indistintamente entidades públicas e particulares.

Esta iniciativa australiana, de 2010, almeja classificar 1000 universidades e suas 5000 faculdades, cinco de cada, distribuídas pelo planeta e já dispõe 500 resultados na *web* ([www.highimpactuniversities.com](http://www.highimpactuniversities.com)). Alega simplicidade e transparência, utilizando para classificá-las apenas desempenho científico das instituições nos últimos dez anos, medido por publicações e citações, indicadores bibliométricos *Scopus Standard*. Primeiro são avaliadas qualidade e consistência dos artigos de cada faculdade e a média dos cinco obtidos, após normalização, indica o da universidade a que pertencem.